

Hotelaria abranda no Carnaval e enfrenta reservas moderadas para a Páscoa com impacto também nos Açores

A hotelaria portuguesa registou um abrandamento do ritmo de crescimento durante o período do Carnaval e mantém reservas ainda moderadas para a Páscoa, num contexto marcado por instabilidade geopolítica internacional e por efeitos meteorológicos adversos no início do ano. A conclusão resulta do inquérito “Balanço Carnaval & Perspetivas Páscoa 2026”, divulgado pela Associação da Hotelaria de Portugal (AHP), que identifica igualmente sinais de impacto nos Açores, onde alguns empreendimentos turísticos reportam cancelamentos ou desaceleração das reservas.

De acordo com os dados recolhidos junto de unidades hoteleiras associadas da AHP, a hotelaria nacional registou no período do Carnaval, entre 13 e 17 de fevereiro, uma taxa média de ocupação de 65%, valor idêntico ao observado em 2025. O preço médio por quarto ocupado (Average Room Rate – ARR) fixou-se em 112 euros, ligeiramente abaixo do ano anterior (menos um euro), traduzindo uma estabilização da atividade após vários anos de crescimento.

A análise regional revela diferenças significativas. A Região Autónoma da Madeira apresentou os melhores resultados, com 79% de taxa de ocupação e 151 euros de ARR, enquanto a Grande Lisboa registou uma ocupação de 75%, acima do ano passado, mas com descida do preço médio para 131 euros.

Já noutras regiões verificaram-se desempenhos mais moderados. A Península de Setúbal registou 68% de ocupação e um ARR de 88 euros, enquanto o Centro manteve a taxa de ocupação nos 61%, mas com aumento de 17% no preço médio, para 118 euros. No Alentejo, a ocupação foi de 59%, ligeiramente acima do ano anterior.

O inquérito destaca ainda que con-



dições meteorológicas adversas no final de janeiro e fevereiro afetaram particularmente algumas regiões, provocando quedas de ocupação e descidas acentuadas nos preços médios em zonas como o Oeste e Vale do Tejo e o Norte.

Açores entre as regiões que sentem impacto nas reservas

No que diz respeito às perspetivas para a Páscoa, o levantamento da associação aponta para um cenário ainda incerto. Para o período das férias escolares, entre 27 de março e 12 de abril, as reservas registadas no momento do inquérito situavam-se em 55%, com um preço médio previsto de 132 euros por quarto. Já para o fim de semana da Páscoa, entre 3 e 5 de abril, as reservas atingiam 57%, com 147 euros de ARR.

O estudo indica que 24% das unidades hoteleiras reportam já um abrandamento nas reservas ou au-

mento de cancelamentos, fenómeno que surge associado à instabilidade geopolítica no Médio Oriente e à incerteza económica internacional.

Entre as regiões onde esta tendência é mais sentida estão a Península de Setúbal e os Açores, cujos hoteleiros indicam um aumento de cancelamentos ou um ritmo mais lento de reservas para o período pascal.

Apesar disso, 60% dos hotéis referem não ter registado alterações relevantes na procura, enquanto 16% indicam mesmo aumento de reservas, fenómeno associado ao eventual desvio de fluxos turísticos de outros destinos afetados pelo contexto internacional.

Mercado interno continua a liderar procura

Quanto à origem da procura, o mercado interno mantém-se como principal motor do turismo, sendo apontado por mais de 70% dos inquiridos para o

período da Páscoa, seguido pelos mercados de Espanha e do Reino Unido.

Em sentido contrário, destaca-se uma redução do peso do mercado norte-americano, referido por 22% dos hotéis para o fim de semana pascal, quando no ano anterior era mencionado por 38% dos inquiridos.

No que respeita aos canais de venda, Booking e os websites próprios das unidades continuam a dominar as reservas, mencionados por 96% e 89% dos hoteleiros, respetivamente, enquanto a Expedia surge em crescimento, sendo citada por 45% das unidades, mais sete pontos percentuais do que no ano anterior.

Confiança moderada no turismo em 2026

Segundo a AHP, a confiança do setor relativamente ao desempenho do turismo em Portugal em 2026 mantém-se moderada. Num inquérito realizado em janeiro, antes do agravamento do atual contexto internacional, os hoteleiros atribuíram 7,4 pontos em 10 às perspetivas do setor para este ano.

Entre os principais desafios identificados surgem a capacidade aeroportuária (51%), a instabilidade económica e geopolítica (49%) e o aumento dos custos operacionais (37%).

Ainda assim, a associação considera que o turismo poderá continuar a crescer em hóspedes, dormidas e receitas, embora a um ritmo mais lento do que nos últimos anos.

O inquérito foi realizado entre 9 e 20 de março, junto de 394 empreendimentos turísticos associados da AHP, incluindo unidades nos Açores, que representaram 5% da amostra, com um intervalo de confiança de 95% e margem de erro de 4,46%.

Federação Agrícola dos Açores alerta para impacto da subida dos combustíveis

O presidente da Federação Agrícola dos Açores (FAA), Jorge Rita, manifestou ontem, preocupação face à nova subida dos preços dos combustíveis.

Em causa está o aumento de 12 cêntimos por litro no gasóleo agrícola, a partir de 1 de Abril, passando para 1,27€ por litro, que surge numa altura em que os agricultores enfrentam maiores encargos com os cortes da pastagem e a sementeira do milho.

A Federação alerta que os agricultores continuam a ser confrontados com um aumento generalizado dos factores de produção, nomeadamente fertilizantes, energia, gás, matérias-primas e transportes marítimos, enquanto se verifica uma descida do preço pago ao produtor por leite.

Neste contexto, Jorge Rita deixa também um apelo à indústria de laticínios: “É fundamental que haja uma reflexão séria por parte das indústrias. Se o preço do leite pago ao produtor continuar a baixar, a situação torna-se insustentável”.

“Perante este cenário, importa questionar como está o Governo Regional a pensar responder a esta conjuntura?”, indaga Jorge Rita.

Recorde-se que o presidente da FAA alertou recentemente para as dificuldades sentidas pelos agricultores, agravadas por uma conjuntura internacional marcada por novos conflitos armados, com impacto no aumento da inflação, das taxas de juro e dos custos de produção, a que se soma a falta de mão-de-obra no sector.

